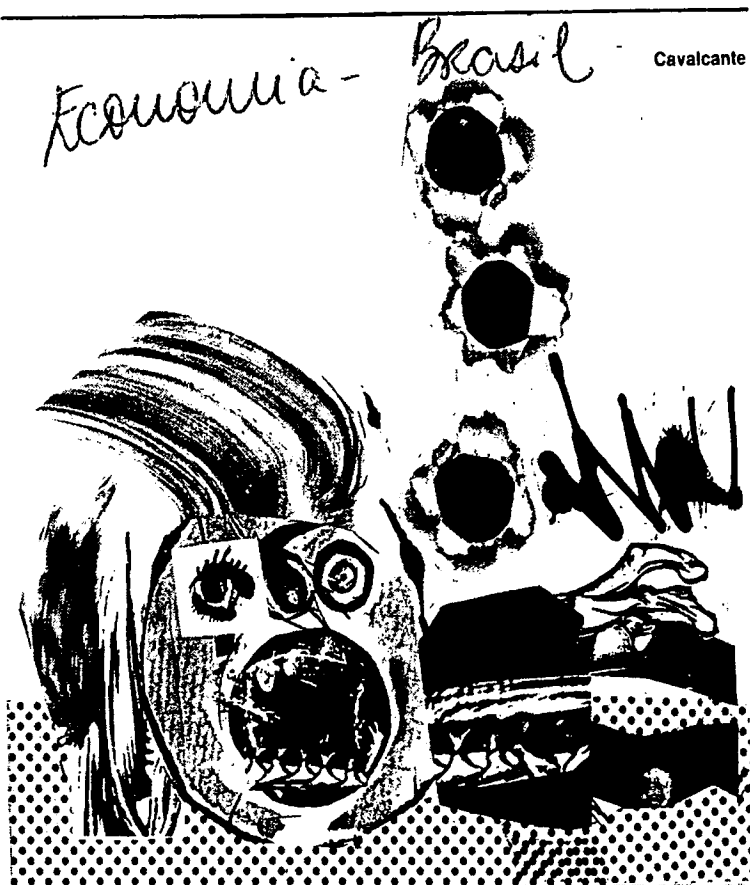


“Nosso jantar beneficente rendeu um milhão e custou um milhão e duzentos. Os pobres ficam nos devendo duzentos”

Roberto Duailibi, publicitário

Joelmir Beting



Cavalcante

Econometria da fome

Na panela do povo, a inflação circunavega na órbita de 52% ao mês. Reator principal: alimentos não industrializados. Distorção capturada pelo IPA-FGV ao longo do ano passado. No atacado, os preços agrícolas subiram 2.730%, contra 2.604% dos preços industriais.

■ No varejo ou no consumo, os alimentos acumularam alta gregoriana ainda maior: 2.826%, segundo o IPC-FGV. Resultado: a cesta básica, para quatro bocas, nesta segunda semana de janeiro, já está custando CR\$ 32.500. Segunda-feira, provavelmente, igualará o valor do salário-mínimo do mês, fixado em CR\$ 32.882.

■ O detalhe tenebroso: o orçamento doméstico da família salário-mínimo, agora em janeiro, é do tamanho do salário de dezembro, embolsado na semana passada: CR\$ 18.760. Ou seja: a cesta básica ensaia fechar janeiro pelo dobro do poder de compra da renda familiar lastreada pelo mínimo de dezembro. Lembrando que o mínimo de janeiro só vai ser levado para casa em fevereiro — quando a cesta básica já estaria acima de CR\$ 50 mil.

■ Como desgraça pouca é bobagem, o item alimentação tem a perversa mania de tirar mais de quem menos tem. Menor a renda fa-

miliar, maior o peso relativo da comida na carestia doméstica. Na classe média, a alimentação adequada ou balanceada pesa menos de um quinto no orçamento familiar. Na classe pobre, pesa metade. No arimo do mínimo, passa de dois terços. Ainda assim, porque dieta curta e rala, por baixo da cesta básica.

■ Em resumo: quando o item alimentação funciona como locomotiva da inflação, o processo econômico acelera o esmagamento físico e social de um terço da população brasileira. E, quando a inflação está em alta (e não apenas no alto), aprofunda o distanciamento do brasileiro pobre, não indexado (sem poupança em banco e sem salário em carteira), do cidadão ainda indexado, que se permite o luxo do reajuste mensal, com direito a uma caderne-tinha de 50% ao mês.

■ A política salarial e a indexação geral fizeram do Brasil não mais uma sociedade de classes, mas uma sociedade de castas. E essa corrida para a catástrofe não vai parar. Simplesmente porque o salário-mínimo deve continuar calibrado não pela capacidade de pagamento do setor privado, mas pela incapacidade de pagamento do setor público. E ninguém liga esse desconfiômetro.